

Conferência

O que quer dizer viver uma Ecologia Integral? Reflexões de Papa Francisco e Monsenhor Bruno-Marie Duffé

What does it mean to live an Integral Ecology? Reflections from Pope Francis and Monsignor Bruno-Marie Duffé

Helen Teixeira Sousa de Abreu¹

 0000-0002-3236-0655

Resumo

O presente artigo trata do tema da Ecologia Integral e sua relação com o desenvolvimento humano e a espiritualidade cristã, como descritos por Monsenhor Bruno-Marie Duffé na palestra de referência e nos documentos do Papa Francisco, principalmente a encíclica *Laudato si'*. A Ecologia Integral só pode ser vivida se considerados seus aspectos social, cultural, ambiental e espiritual, pois a realidade é integrada e não fragmentada. Para isso, é preciso questionar e abandonar o paradigma tecnocrático, a partir do qual as possibilidades técnicas e a ideia de progresso econômico definem o que deve ser feito, e abraçar um novo paradigma cultural, que resgate a memória e construa a esperança das comunidades e que conduza as pessoas a viverem em harmonia com a natureza, da qual a humanidade também faz parte. Esse paradigma é baseado no cuidado mútuo, no estabelecimento de limites para a técnica e consumo, na contemplação da natureza e na solidariedade entre as pessoas.

Palavras-chave: Contemplação. Ecologia Integral. Novo paradigma cultural. Solidariedade.

Abstract

*This article deals with integral ecology and its relationship with human development and Christian spirituality, as described by Monsignor Bruno-Marie Duffé in his keynote speech and in Pope Francis' documents, especially the encyclical *Laudato si'*. Integral ecology can only be experienced if its social, cultural, environmental, and spiritual aspects are considered, as reality is integrated and not fragmented. For this, one must question and abandon the technocratic paradigm, from which technical possibilities and the idea of economic progress define what should be done. In its place, one must embrace a new cultural paradigm, which rescues the memory and builds the hope of communities, living in harmony with nature, of which humanity is also a part. This paradigm is based on mutual care, setting limits for technique and consumption, contemplation of nature, and solidarity and dialogue among people.*

Keywords: *Contemplation. Integral Ecology. New cultural paradigm. Solidarity.*

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. R. Prof. Dr. Euryclides de Jesus Zerbin, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: htsabreu@gmail.com

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Processo nº 88887.602515/2021-00).

Introdução

Em 2015, o Papa Francisco publicou sua carta encíclica *Laudato si'*, que fala sobre o cuidado da casa comum, exortando sobre a problemática ambiental e o papel dos cristãos – e também de todas as pessoas – no cuidado com a criação.

Tendo em vista a urgência desse tema e sua importância para a espiritualidade cristã, ele também foi abordado pelo Monsenhor Bruno-Marie Duffé, secretário geral do Dicasterio do Desenvolvimento Humano Integral do Vaticano, quando esteve na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) durante sua visita ao Brasil em 2019. Dentre outros assuntos tratados na série de palestras organizada pelo Núcleo de Fé e Cultura, Monsenhor Duffé ministrou a palestra intitulada “O que quer dizer viver uma espiritualidade integral?”, a qual inspirou o presente artigo.

Neste, o conceito de Ecologia Integral e seus desdobramentos serão explorados, tendo como principais referências a encíclica papal supracitada complementada pelo conteúdo de outras encíclicas e a própria palestra do Monsenhor Duffé.

Ecologia Integral: ambiental, social e espiritual

O sentido de Ecologia Integral, conforme tratado por Monsenhor Duffé (2019), é amplo e se relaciona diretamente com a essência do ser humano. Não se restringe a alguma ideologia política ou social ou a categorias meramente biológicas ou naturais, mas engloba uma harmonia do ser humano com os ritmos da natureza e do corpo; uma chamada para o cuidado com o próximo e com a própria saúde. Viver ecologicamente significa viver em um estado de contemplação da natureza, em paz com a criação e com o Criador.

São Francisco de Assis, cujo nome foi tomado pelo Papa Francisco, deu um testemunho de alguém que procurou viver esse tipo de harmonia. Nas palavras do próprio Papa, ele “[...] era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo” (FRANCISCO, 2015, n. 11). A simplicidade que marcou sua vida era resultado de uma postura de respeito para com a realidade, negando-se a apenas usá-la como objeto e preferindo fazer parte e unir-se a ela.

Na carta, o Papa descreve com pesar os problemas ambientais causados pelo ser humano. Poluição do ar, do solo, da água e a questão do consumo desenfreado e do descarte resultam em perda da biodiversidade, extinção de espécies e consequências climáticas cada vez mais significativas. Os estilos de vida adotados pelas sociedades humanas, especialmente após a Revolução Industrial no ocidente, têm levado o mundo na direção do desequilíbrio e da destruição, que podem ser observados em diferentes ecossistemas.

Além do lamento pela perda e pelo risco que essa destruição representa para toda a humanidade, o Papa também aponta para a importância que cada elemento da criação tem para o próprio Deus. Por consequência das ações destrutivas do ser humano, agora diversas espécies não podem mais glorificar ao Criador com sua existência. A humanidade não tinha o direito de fazer isso (FRANCISCO, 2015).

Ademais, as repercussões e sequelas negativas da destruição da natureza não se apresentam de forma equivalente para todas as regiões do globo, mas tendem a se manifestar de forma mais agressiva nas regiões mais pobres e em desenvolvimento. Isso faz com que o problema do desequilíbrio ambiental seja também um problema geopolítico, que reforça as desigualdades entre as nações e entre diferentes grupos de pessoas dentro de cada país.

Por isso, como continua o Papa Francisco (2015) em sua carta, além de coordenar uma reação significativa dos governos, das indústrias e da sociedade civil para procurar diminuir o impacto negativo causado pela ação humana, é preciso também responsabilizar os grupos que se beneficiam economicamente dessa destruição, buscando diminuir as desigualdades entre os seres humanos e valorizar a dignidade de cada pessoa.

Existe um equilíbrio fino entre as relações humanas, sociais e políticas com o meio ambiente e a espiritualidade. A relação humana com a natureza está diretamente ligada às relações sociais dos indivíduos e com o divino, e por isso a crise ecológica que a humanidade atravessa é resultante de uma crise ética, cultural e espiritual da modernidade. A relação com o meio ambiente reflete as relações com as outras pessoas e com o divino, transcendente. Para o Papa, tentar olhar para essas dimensões da vida como algo separado “[...] seria um individualismo romântico disfarçado de beleza ecológica e um confinamento asfixiante na imanência” (FRANCISCO, 2015, n. 119). Todas as dimensões da vida humana estão interligadas e são interdependentes, de forma que o desequilíbrio em uma das relações resulta em desequilíbrio também nas outras.

Quando o ser humano se coloca no centro, com seus interesses imediatos e egoístas, ele relativiza suas outras relações. Na exortação apostólica publicada em 2013, a *Evangelii Gaudium*, o Papa descreve o que ele chama de relativismo prático: “[...] é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (FRANCISCO, 2013, n. 80). Mesmo que essa pessoa professe a fé em Deus ou diga que tem compaixão ou caridade, ela relativiza tudo e age como se os outros não existissem, e não consegue se colocar em verdadeira relação de solidariedade e participação mútua. Esse relativismo prático é o que tem criado sistemas inteiros de destruição mútua e desequilíbrio, que precisam ser revistos à luz da ideia da Ecologia Integral.

Ecologia e desenvolvimento humano

No sentido integral, uma visão de mundo ecológica deve dar especial atenção à vida humana, principalmente a que se encontra vulnerável, frágil ou em sofrimento. “Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (FRANCISCO, 2015, n. 118), e por isso uma Ecologia Integral está relacionada a um desenvolvimento humano integral.

O verdadeiro desenvolvimento precisa trazer consigo solidariedade entre todos e atenção a cada vida humana. Segundo a perspectiva cristã das narrações bíblicas, cada pessoa foi feita à imagem de Deus e possui dignidade infinita (FRANCISCO, 2015) e seu valor peculiar também implica em uma grande responsabilidade (FRANCISCO, 2015).

Por entender o valor de cada pessoa, o significado de desenvolvimento que a humanidade levará adiante precisa compreender que cada pessoa e cada comunidade devem ter a oportunidade de florescer integralmente. Quando se fala sobre desenvolvimento, é importante se perguntar a qual

tipo de desenvolvimento se refere. Qual é o seu sentido e o destino? O Papa Paulo VI, na encíclica de 1967 denominada “O progresso dos povos”, apresenta a visão cristã do desenvolvimento:

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: ‘não aceitamos que o econômico se separe do humano; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se incluiu. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira’ (PAULO VI, 1967, n. 14).

Eis a importância de se olhar para o desenvolvimento de forma a valorizar a dimensão humana e comunitária e não apenas a questão puramente econômica.

O progresso e o paradigma tecnocrático

Monsenhor Duffé convida, em sua palestra, para essa reflexão. Grande parte do que é chamado hoje de desenvolvimento baseia-se no que o Papa Francisco chama de paradigma tecnocrático (FRANCISCO, 2015). Esse paradigma consiste no modelo do capitalismo liberal como é visto contemporaneamente.

No paradigma tecnocrático, o progresso consiste em fazer tudo o que é possível através do domínio da técnica. Se algo é novo, passa a ser considerado bom. O ser humano vive a ilusão de que pode manipular a realidade de forma ilimitada e, partindo desse pressuposto, acaba por destruir o próprio planeta em que habita e do qual faz parte. A tecnocracia, portanto, é o poder do possível (DUFFÉ, 2019).

O problema, conforme afirma Monsenhor Duffé, é que a técnica é capaz de dizer o que é possível, mas não o que é bom. A possibilidade de fazer algo não significa que deva ser feito, ou que seja moralmente positivo, ou que contribua para o crescimento humano integral. Para compreender qual é o sentido do desenvolvimento a ser alcançado e o que é realmente bom para o futuro do ser humano e das comunidades, é preciso uma reflexão em conjunto; um debate que não passa unicamente pela tecnologia e pelo campo das possibilidades que a técnica oferece. A ciência e a tecnologia são formas de conhecimento que são de grande ajuda para a humanidade, mas, sozinhas, não são suficientes para determinar a moralidade, a ética ou o sentido das ações humanas.

O que se observa nas sociedades tecnocráticas é que elas têm sido usadas para gerar e acumular riquezas. O pontífice afirma que nas sociedades dominadas por esse paradigma:

Tende-se a crer que “toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de força vital, de plenitude de valores”, como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia (FRANCISCO, 2015, n. 5).

Essa falsa crença de que os produtos da técnica são necessariamente benéficos ou, na melhor das hipóteses, neutros, cega as pessoas para a visão do todo. Ao fragmentar o

conhecimento e torná-lo cada vez mais especializado, perde-se o sentido integral da realidade como uma totalidade coesa que necessita de equilíbrio. Por isso, o desenvolvimento humano não acompanhou o crescimento tecnológico dos últimos séculos.

Ainda na encíclica *Laudato si'*, o Papa denuncia que uma versão deturpada da antropologia cristã corroborou para a aplicação de uma relação desequilibrada entre o ser humano e o mundo (FRANCISCO, 2015). Uma leitura incorreta de Gênesis levou a uma concepção de que a função do ser humano é exercer domínio e superioridade sobre o restante da natureza, em detrimento da interpretação adequada, que seria a de que o ser humano deve ser um “administrador responsável”.

Como, então, procurar saídas para o paradigma tecnocrático que domina o desenvolvimento das sociedades? A própria encíclica afirma que “[...] a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder” (FRANCISCO, 2015, n. 136). A saída que o Papa Francisco apresenta leva em conta a visão da realidade integral, sem fragmentá-la:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático (FRANCISCO, 2015, n. 111).

Quando se fragmenta o problema, busca-se também soluções fragmentadas, que cuidam das questões mais urgentes, como se a pessoa estivesse “apagando incêndios”, mas sem lidar com o cuidado integral e com a prevenção dessas situações. Se a crise ambiental e a crise social forem olhadas como duas coisas separadas, falha-se em perceber que elas se imbricam e estão relacionadas de forma complexa. As soluções passarão por um caminho em comum: “[...] combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (FRANCISCO, 2015, n. 139).

É preciso, então, criar uma cultura, um novo paradigma que perpassa as diversas dimensões do ser humano e das comunidades, incluindo a política, a economia, a educação e a espiritualidade, levando em conta que essas dimensões estão interligadas entre si e com a própria natureza e que é preciso construir novos sistemas de vida.

Novo paradigma cultural

Esse novo paradigma, ou nova forma de ver a realidade e de viver em sociedade, deve ser em direção a um progresso que seja saudável e focado no bem estar integral do ser humano e da natureza. Compreendendo que tudo está interligado e que o ser humano faz parte da natureza, a verdadeira Ecologia Integral procura desenvolver as dimensões ambiental, econômica, comunitária e cultural da experiência humana.

Para que isso seja possível, é preciso colocar em pauta a reflexão sobre os limites da técnica. Nem tudo o que o ser humano tem capacidade de fazer deve ser feito, pois nem tudo contribui para o verdadeiro crescimento da humanidade. O espírito desta época tem a tendência da imediatez, mas para esse tipo de reflexão e discernimento é preciso tempo e paciência.

E por falar em tempo, muito do estilo de vida desse paradigma cultural, baseado na Ecologia Integral, diz respeito a um tipo diferente de relação com o tempo. A memória das comunidades é preservada e uma concepção esperançosa do futuro é cultivada para que, assim, as pessoas sejam responsáveis no presente, de forma concreta, através de sua maneira de viver.

A dimensão da memória é muito importante para a identidade e realização humana, mas tem sido negligenciada no mundo globalizado atual. Não que a globalização e o intercâmbio entre culturas seja ruim. Monsenhor Duffé (2019) menciona, inclusive, que há muita graça em poder conhecer diferentes países e culturas. É necessário, no entanto, que não se percam as raízes, a identidade comunitária e o cuidado com a memória comum do lugar de onde cada ser humano veio.

Só haverá verdadeiro crescimento se houver raízes profundas. As raízes da memória fortalecem a pessoa para crescer em esperança rumo ao futuro em direção à luz do sol (DUFFÉ, 2019). Assim, as dimensões do tempo passado (memória) e futuro (esperança) precisam ser preservadas para o pleno desenvolvimento humano. Faz parte de uma Ecologia Integral interpretar o passado e preparar o futuro.

Nesta era, muito do sofrimento social ou existencial experimentado pelas pessoas é resultado de um problema com a temporalidade, com essas dimensões da memória e da esperança. Por isso, essas pessoas vivem o sofrimento da dificuldade de estar aqui, agora, no momento presente, e sua mente se torna inquieta e cheia de perguntas. O que essas pessoas precisam é de paz e tranquilidade para pensar, refletir e se situar no tempo, com memória e esperança. A integralidade consiste nessa vida harmônica, de estar bem e em paz com o tempo, consigo mesmo, com os outros e com a natureza. É uma forma de viver com unidade e serenidade (DUFFÉ, 2019).

É por isso que esse novo paradigma cultural, em contradição com o paradigma tecnocrático, deve levar em conta todas as dimensões ambientais, sociais e humanas. É preciso escutar o sofrimento – o sofrimento da terra, o sofrimento dos pobres e excluídos da sociedade, o sofrimento existencial de quem não consegue pensar no futuro com esperança e, para conseguir escutar verdadeiramente esses gritos, é preciso parar para prestar atenção e contemplar.

Cuidado e limites

Para Duffé (2019), pode-se dizer que a boa relação de um desenvolvimento de paz começa quando se escuta o grito da terra e dos mais pobres. Na verdade, o grito da terra e o grito dos pobres é o mesmo. Os desastres climáticos e as crises sociais são apenas formas de se fazer ouvir esse grito de socorro.

Numa sociedade que busca o desenvolvimento humano integral, a sensibilidade para com o vulnerável é a prioridade. Resolver o problema do pobre e da terra deve ser o mais importante. Quando uma pessoa não é respeitada em seu corpo, em sua dimensão espiritual ou política, ou quando uma comunidade não é respeitada em sua cultura, há sofrimento, violência e injustiça (PAULO VI, 1967, n. 30).

Por outro lado, quando uma pessoa, com seu talento, tempo e dedicação, dá cuidado a outra, de certa forma ela também está cuidando de toda a humanidade. Quando uma pessoa cuida de outra, as suas possibilidades são amplificadas e sua dignidade é reconhecida. O cuidado mútuo é necessário para o desenvolvimento humano e para a Ecologia Integral.

Para isso, é preciso que sejam estabelecidos limites. Se a terra e as pessoas pobres estão em condição de vulnerabilidade, é porque até agora o que se chama de desenvolvimento não soube lidar com limites. A sociedade moderna tem dificuldade de lidar com a finitude e por isso não quer estabelecer limites para a produção, o consumo, a propriedade e o poder. Mas os recursos são limitados; o mundo não pode ser tratado como uma máquina, e reconhecer isso faz parte do cuidado para com o ambiente e o próximo (DUFFÉ, 2019).

Muitas pessoas, conforme afirma o Papa (FRANCISCO, 2015), já perceberam o problema e não conseguem vislumbrar um futuro de esperança baseado no paradigma tecnocrático, mas também não estão dispostas a renunciar ao conforto que as possibilidades da tecnologia oferecem para poucos. Para esses, é preciso adequar o conceito de riqueza para o novo paradigma do cuidado: riqueza não é ter ou poder mais, mas a alegria de compartilhar a vida com apenas o que é necessário, sem concentração de dinheiro ou propriedades que não trazem sentido à vida (DUFFÉ, 2019). O Papa Francisco (2015, n. 222) diz a respeito da contribuição da espiritualidade cristã para essa vida de simplicidade, que limita o consumo:

A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar para saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos.

Monsenhor Duffé (2019) cita, ao falar sobre a importância dos limites e da vida que faz sentido, a parábola de Jesus no evangelho de Lucas, na qual um homem rico acumulava bens para si até que “Deus, porém, lhe disse: Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste de quem serão?” (São Lucas, 12:20)

O limite é uma forma de recordar a finitude humana. O reconhecimento da própria finitude e a lembrança da própria morte não se constituem em tristeza, mas viver com esperança, dentro de suas próprias limitações naturais, é uma maneira de respeitar a vida e Deus enquanto seu criador.

O papel da contemplação

Monsenhor Duffé (2019) convida, em consonância com o Papa Francisco (2015), a um tempo de contemplação do mundo e da natureza e também das possibilidades e dos talentos uns dos outros. Por vezes o olhar para a realidade e para o próximo é de análise, interpretação ou crítica e se esquece de apenas contemplar, parar para ouvir e verdadeiramente compreender.

Na atual era moderna, os verbos da ordem são fazer, construir, consumir, e a ideia de contemplar parece distante. A contemplação exige tempo e calma, e não pode ser feita num contexto de pressa e ansiedade constante. Ao contrário do que parece, não se trata de uma postura passiva, mas ativa, pois é preciso atenção e intencionalidade. De acordo com Monsenhor Duffé (2019), “É pôr-se a receber, como diz Nietzsche, a benção da luz de cada manhã. Estar sensível à doce luz de cada manhã, quando vem o sol e a luz. E também é estar sensível à luz do olhar e da presença de cada pessoa”.

Essa sensibilidade à presença do outro se relaciona também com uma sensibilidade à beleza ao redor. De acordo com o Papa Francisco (2015, n. 2015), “[...] prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista”. Ao olhar para a criação de Deus procurando contemplar sua beleza, o cristão redescobre Seu amor e o amor pelas pessoas.

Esse amor decorrente da contemplação deve criar abertura para o diálogo entre todas as pessoas de boa vontade que buscam a justiça, a verdade e o sentido da vida (DUFFÉ, 2019). No caminho em direção à Ecologia Integral, deve-se abrir o diálogo para com todas as religiões e os caminhos dos anciãos, pois todos têm algo a ensinar para o mundo. A redescoberta, por exemplo, da meditação, do silêncio, dos momentos de paz e calma para perceber a presença do próximo e do divino, momentos que também estão presentes nas disciplinas espirituais de outras religiões, são de grande ajuda para a construção dessa nova cultura ecológica que busca o desenvolvimento humano integral.

Na contemplação, os ritmos das relações devem ser respeitados. Busca-se paz com os outros, com os recursos naturais, consigo mesmo e com o futuro, que só é possível através da busca, em comunidade e diálogo, pelo bem comum. O Papa Francisco (2015, n. 156) afirma que “[...] a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social”, e o bem comum também está diretamente relacionado com as futuras gerações, que usufruirão do que tem sido construído hoje (FRANCISCO, 2015).

A humanidade compartilha um único planeta e os povos compartilham o mesmo território. Essa condição, por si só, já coloca toda a humanidade num estado de interdependência. A pergunta do Papa Paulo VI na carta encíclica *Populorum Progressio* é: como passar da interdependência para a solidariedade? As pessoas têm o dever de praticar a solidariedade universal (PAULO VI, 1967), mas é um grande desafio construí-la no mundo globalizado.

Apontamentos de esperança: da interdependência para a solidariedade

O desafio da solidariedade é o desafio que os cristãos e toda a humanidade devem abraçar para que haja uma Ecologia Integral. Para o Papa Francisco (2015), a ecologia é também uma alegria de descobrir todos os talentos e as possibilidades que os seres humanos têm juntos. Cada um tem um talento em particular que, em conjunto, representa uma esperança para a comunidade humana (DUFFÉ, 2019).

A solidariedade é construída na medida em que as pessoas não se veem como inimigas, mas como cocriadoras que colaboram juntas para o bem comum. Como Duffé (2019) afirma, solidariedade é a tradução moderna da caridade e do amor. De forma esperançosa, o Papa Francisco (2015) afirma que essa solidariedade pode, sim, ser construída, mesmo agora: “Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro” (FRANCISCO, 2015, n. 208).

Por causa disso, como disse Monsenhor Duffé (2019), a experiência de encontro com o outro é de grande riqueza, pois é na concretude dessa troca mútua que a comunidade se constrói, para além de qualquer reflexão abstrata a respeito de conceitos de economia, desenvolvimento etc. É no encontro que os talentos de cada pessoa se unem e se lapidam, abrindo novas possibilidades de criação. Com diálogo, tempo e perseverança, uma comunidade pode aprender a compartilhar experiências e construir o bem comum em uma cultura de esperança.

O desafio ambiental é grande e precisa de uma resposta à altura. Apenas com a união, o diálogo e a troca de talentos é que a comunidade humana conseguirá, de forma colaborativa, criar uma solidariedade universal. Para isso, a espiritualidade cristã tem a oferecer a noção de Ecologia Integral, que “[...] exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, reflectir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia” (FRANCISCO, 2015, n. 225).

O apelo do Papa é para que as pessoas possam, como São Francisco de Assis, olhar para o mundo e ver não apenas um problema a ser resolvido, mas “[...] um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor” (FRANCISCO, 2015, n. 12).

Considerações Finais

O tema da Ecologia Integral é, portanto, indissociável do desenvolvimento humano integral, que só pode ser construído a partir de um paradigma cultural diferente, que não é baseado no poder da técnica, mas no diálogo e na colaboração entre as pessoas e na contemplação da natureza e da espiritualidade.

Se o grito dos pobres e da terra é o mesmo, é urgente que a humanidade desperte para a importância das mudanças que devem ser feitas, levando em conta a dignidade de cada um e a solidariedade.

Monsenhor Duffé (2019) apresenta, em sua palestra, a contribuição do Papa Francisco (2015) e a importância do diálogo inter-religioso para essa construção dialogal, contínua e necessária.

Referências

- DUFFÉ, B.-M. *O que quer dizer viver uma Ecologia Integral?* Campinas: PUC-Campinas, 2019. Publicado pelo canal da PUC-Campinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITCgyM8vxK8>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#!.__Alegria_que_se_renova_e_comunica. Acesso em: 9 ago. 2021.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html#_ftnref123. Acesso em: 9 ago. 2021.
- PAULO VI, Papa. *Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 1 ago. 2021.

Como citar este artigo/*How to cite this article*

ABREU, H. T. S. O que quer dizer viver uma Ecologia Integral? Reflexões de Papa Francisco e Monsenhor Bruno-Marie Duffé. *Cadernos de Fé e Cultura*, v. 6, e215439, 2021. <https://doi.org/10.24220/2525-9180v6e2021a5439>